

O MÉTODO DE BUSCA POR ENTORPECENTES OCULTOS REALIZADO PELO BPCÃES

THE SEARCH METHOD FOR HIDDEN NARCOTICS CARRIED OUT BY BPCÃES

Gustavo Dantas Ramos da Silva
Adelni Fernando de Souza

RESUMO

A finalidade deste estudo é analisar o papel do BPCÃES na busca por entorpecentes ocultos e os métodos utilizados para demonstrar sua efetividade frente aos crimes que se utilizam da ocultação de drogas. Diante da metodologia foi escolhido como meio eficaz de atingir o objetivo do trabalho, entrevistas com policiais militares especialistas da área canina voltado para o faro e detecção de substâncias, desde a sua formação inicial até o momento que está apto para ser empregado nas operações policiais diárias e artigos científicos. Através dos resultados, nota-se que o emprego do cão é imprescindível para alcançar sucesso em todos tipos de operações, que o faro canino mostra-se extremamente apurado quando comparado ao dos seres humanos e que a relação canina com o homem vem de séculos antepassados, ocorrendo uma ligação forte para atuação em conjunto com o seu operador, pronto para localizar qualquer tipo de entorpecente e efetivar sua missão. O fechamento obtido por meio do trabalho são as infinitas possibilidades de emprego do cão para localizar objetos ocultos e modelos científicos evidenciando a habilidade canina que relacionam o sucesso do trabalho do cão aliado ao homem, juntando a expertise do policial-militar com o faro aguçado canino.

Palavras-chave: Entorpecentes. Faro. Bpcães. Policial. Detecção

^{1*} Aluno do Curso de Formação de Praças, D-14, Turma D do Comando da Academia da Polícia Militar de Goiás (CAPM). E-mail: gustavodantasss174@gmail.com

^{2**} Orientador, 1º Tenente Fernando da Polícia Militar do Estado de Goiás, Batalhão de Policiamento com Cães, Goiânia – GO, 05/11/2023

ABSTRACT

The objective of this study is to analyze the role of BPCÃES in the search for hidden narcotics and the methods used to demonstrate its effectiveness against crimes involving drug concealment. As for the methodology, interviews with specialized military police officers in the canine field, focused on scent and substance detection, were chosen as an effective means to achieve the study's objective—from their initial training until they are ready to be deployed in daily police operations and scientific articles. Through the results, it is noted that employing dogs is indispensable for achieving success in all types of operations, with canine scent detection proving to be extremely refined compared to humans, and the relationship between dogs and humans has existed for centuries, forming a strong partnership to work together with their handler, ready to locate any type of narcotic and fulfill their mission. The conclusion drawn from this work highlights the endless possibilities for employing dogs to locate hidden objects and scientific models that showcase canine ability, correlating the success of canine work with humans, combining the expertise of military police officers with the keen canine sense of smell.

Keywords: Narcotics. Scent. BPCÃES. Police. Detection.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste estudo é avaliar os procedimentos e os métodos empregados pelo BPCães da Polícia Militar do Estado de Goiás (PMGO) na detecção de substâncias entorpecentes que estejam ocultas.

Além disso, busca-se compreender de qual forma os cães conseguem identificar tais objetos, mesmo quando estão escondidos, bem como os modos de treinamento empregados para prepará-los para situações dessa natureza.

Os fatores centrais a serem explorados serão descobrir quais os principais métodos e técnicas de treinamento empregados para que o cão consiga localizar entorpecentes ilícitos ocultos e conseqüentemente buscar compreender de que forma a acuidade olfativa do cão influencia na efetividade/eficácia do método de detecção de drogas.

Os métodos de localização de entorpecentes ocultos com cães faz-se necessário e útil para a sociedade, devido ao auxílio que o cão, através dos métodos internalizados presta ao operador com velocidade, eficiência e otimização do tempo, por exemplo, na busca de artefatos explosivos, drogas escondidas, armas ou pessoas desaparecidas, devido ao seu olfato apurado, consegue identificar diversas substâncias. Em vez de utilizarmos exclusivamente profissionais da segurança pública para procurar entorpecentes ocultos, a utilização do cão com seu Policial Militar operador demonstra ser uma abordagem altamente útil. Garantindo a eficiência sem empregar um número alto de profissionais, que não possuem a mesma efetividade do faro canino, evitando o esgotamento dos recursos policiais.

É um estudo crucial para abordar e explorar os métodos de localização de drogas ocultas realizado pelos policiais com os cães, para compreender o processo evolutivo das técnicas e treinamentos até chegar no auge da capacidade do cão enquanto estão na rua contribuindo com a repressão de drogas e ilícitos para o benefício de toda população goiana e demonstrando ao país como o Estado de Goiás combate fortemente a criminalidade e utiliza-se de diversas forças especializadas, uma delas é o BPCÃES, para reduzir os índices criminais e em decorrência disso, aumenta-se o prestígio nacional devido a sua capacidade combativa na segurança pública.

É de extrema relevância demonstrar a importância do trabalho realizado pela Polícia Militar com cães através dos seus treinamentos específicos, evidenciando os métodos que os cães são treinados para desarticular diversas drogas ocultas e a sua versatilidade de emprego e analisar os efeitos positivos do faro canino para a segurança pública no combate aos entorpecentes escondidos.

Busca-se reunir informações e dados sobre os métodos e técnicas de treinamento utilizados pelo BPCÃES para preparar os cães para a tarefa de localizar entorpecentes ocultos, avaliar as relações da precisão de detecção de drogas por cães e analisar por qual motivo o cachorro é o animal mais utilizado para operações policiais de localização por faro e como essa habilidade pode ser otimizada.

A pesquisa será conduzida por meio de uma abordagem abrangente, a qual combina componentes teóricos e práticos para investigar a metodologia empregada pelo BPCães na localização de entorpecentes ocultos e a forma como são feitos os procedimentos de aprendizagem canina, para que a sociedade possa entender como funciona a formação do cão de faro desde o momento em que é recebido no batalhão até o momento em que vai para a rua demonstrar toda sua efetividade, apresentando passo a passo como é formado esse cão e explicitar para a sociedade os motivos científicos e práticos para poder confiar, acreditar e entender o porquê o cão é tão certo, preciso e ágil, para isso, irá entender desde a base da formação do cão de faro até seu ápice do trabalho.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A ORIGEM DO CÃO

“Dados recentes indicam que o cão surgiu no leste da Ásia. Por toda a Ásia, e estendendo-se ao oeste até a península Arábica, havia e ainda há raças de lobos relativamente pequenos, sociáveis e adaptáveis. Tanto no aspecto físico como comportamental [...]” (FOGLE, 2009, p. 16).

Fogle (2009) ressalta que a origem do cão ainda é uma questão um tanto quanto polêmica, talvez o lobo asiático possa ser o ancestral direto do cão ou algum tipo de lobo extinto tenha sido base da espécie.

Dados genéticos confirmam que os primeiros cães lobos surgiram na Ásia entre 40 mil e 100 mil anos atrás, antes de se espalharem rapidamente pelo mundo. Uma ponte terrestre na antiga região da Beríngia permitia a migração de pessoas e cães da Ásia à América do Norte há cerca de 20 mil anos. Ainda hoje há descendentes dos primeiros cães lobos asiáticos em todos os continentes, exceto na Antártica. (FOGLE, 2009, p.20)

Sobre a domesticação do cão foi algo evolutivo e de forma gradual, ao contrário da maioria das domesticações, essa foi de forma espontânea e natural, pois notaram que ao redor da área de convívio humano concentrava-se lixo, tendo em vista uma novo nicho ecológico para eles. Coletavam o lixo jogado pelos humanos e ainda alimentava-se de roedores atraídos pelo lixo e conseqüentemente mantinham-se em segurança dos predadores maiores, devido ao homem proteger seu ambiente desses animais. Os nativos capturavam alguns lobos, às vezes para criá-los até a adolescência e comê-los, outras vezes por simpatia socializá-lo, uma espécie de sobrevivência do mais amigável. (FOGLE, 2009)

O cão, que até então assistia como simples espectador ao trabalho do homem, logo compreendeu que havia vantagens na associação, e arriscou-se a participar das suas caçadas em colaboração voluntária; deste modo o homem de imediato percebeu que tal empreitada, em parceria, rendeu excelentes frutos (GEARY, 1978)

Outra possibilidade levantada pela comunidade científica é que “[...] a domesticação dos cães pode ter sido um longo processo que começou com um grupo de lobos que se tornou vagamente associado e se alimentava de humanos, antes de experimentar ondas de seleção de fenótipos que gradualmente favoreceram um vínculo mais forte com humanos (um processo chamado auto domesticação)” (Wang, GD., Zhai, W., Yang, HC. e outros. 2016, tradução nossa)

The mild population bottleneck in dogs suggests that dog domestication may have been a long process that started from a group of wolves that became loosely associated and scavenged with humans, before experiencing waves of selection for

phenotypes that gradually favored stronger bonding with humans (a process called self-domestication) (Wang, GD., Zhai, W., Yang, HC. e outros. 2016)

O instinto de matilha do cão lobo permitiu-lhe se encaixar na família humana, com a hierarquia de membros dominantes e submissos. Seu olfato apurado e excelente audição tornaram-no ótimas sentinelas, alertando os humanos sobre perigos externos. (FOGLE, 2009, p. 19)

Figura 1 - Policiais do BPCÃES acompanhados por seus cães;



Fonte: Instagram do BPCães

2.2 O CÃO ALIADO AO TRABALHO POLICIAL

Assim como o homem, o cão de guerra tem um perfil: rústico, alta tolerância ao desconforto, impulsos sociais, de caça e de luta acentuados e ser saudável para se sujeitar aos desafios da atividade militar. Precisa ter agressividade, morde de boca cheia e de forma tranquila, demonstra agressividade latindo a comando, é controlável e tem sua capacidade de farejar explorada para atingir algum objetivo militar: oponente, droga, arma, ou explosivo. (JOSÉ LUIZ FONTOURA DE ANDRADE, 2015, p. 19)

“Desde a Antiguidade, o cão exerce numerosas funções e participa de atividades tão variadas quanto às de combate, da produção de carne, da tração de trenó nas regiões polares e dos ritos sagrados da mitologia” (GRANDJEAN et al., 2001, p. 21).

“O emprego de cães na atividade policial, no âmbito mundial, inicia-se provavelmente no século XIV, quando, em Saint Malo, cidade a noroeste da França, foi criado um sistema de policiamento com os cães” (SAKATA, 2015, p. 180)

“Cães também são utilizados na atividade de polícia, para o faro de explosivo, faro de narcóticos, captura e policiamento em geral” (MIRANDA, Juliano José Trant de, 2011, p.1)

No Estado de Goiás o surgimento do policiamento ostensivo com o cão juntamente ao BPCÃES adveio da Polícia Militar do Estado de São Paulo, conforme leciona-se a seguir:

No ano de 1971 o 2º Tenente PM Rosiron Wayne de Oliveira, o Cabo PM Bezerra e um Soldado PM, foram à Polícia Militar do Estado de São Paulo – PMESP, fazer o curso de “Cinofilia”, curso que durou mais de um ano. Ao retornarem, em 1972, trouxeram três cães com função de apresentação e guarda e proteção doados pela PMESP, cães Igor, Panzer e Laica, fundou-se então em 1972 o Pelotão do Canil do 1º Batalhão de Polícia Militar do Estado de Goiás – 1º BPM, composto pelos três policiais que fizeram o curso na PMESP e outros 12 policiais que já eram efetivos no 1º BPM. No mesmo ano foram construídos os primeiros boxes para abrigar os cães doados pela PMESP e os cães adquiridos pelos policiais do canil, boxes esses existentes até hoje. (PMGO, Brasil)

Atualmente, o Batalhão de Policiamento com Cães (BPCÃES) do Estado de Goiás é responsável e competente por diversas ações previstas em legislação própria, apresentadas a seguir:

Planejar, executar, instruir, capacitar e coordenar todas as ações com cães, conforme diretrizes do comando da instituição; realizar a detecção de armas, munições, entorpecentes e/ou explosivos; efetuar busca e captura de infratores da lei em ambiente urbano e rural; realizar revista em estabelecimentos prisionais; executar operações em praças desportivas (contenção de torcida); prestar apoio operacional às demais forças de segurança e de forma secundária, a realização do patrulhamento tático em zonas quentes de criminalidade em apoio às unidades de área e abordagens estáticas com emprego de cães em pontos estratégicos. (DOCTRINA BPCÃES, 2023)

Figura 2 - Cão em atividade com mordedor;



Fonte: Instagram do BPCães.

"É público e notório o emprego de cães pelos mais diversos órgãos de segurança pública e da fiscalização aduaneira. O mesmo ocorre vis-à-vis empresas de segurança. (de Lima Dantas, G. F., Müller, R., & Paula Araújo, M. 2022, p.161)"

O termo k9 (abreviatura que soa como “canine” em inglês, traduz-se para o português como “canino”) deixou de ser a forma de simples nomeação do cão policial, para abranger também seu parceiro humano, dando nome a um binômio, chamado então de K9 Unit (cão + adestrador ou cinotécnico) (de Lima Dantas, G. F., Müller, R., & Paula Araújo, M. 2022, p.162).

As principais raças a serem experimentadas no serviço policial se destacando positivamente foram: o pastor belga malinois, o labrador e o pastor alemão. Houve uma rápida expansão da doutrina de emprego dos cães policiais em todo o mundo, tornando-se uma excelente ferramenta para apoiar as atividades policiais e militares. (Andrade, T. A. D. 2019, p.07)

2.3 O FARO CANINO E A DETECÇÃO DE DROGAS

Em comparação com os humanos, os cães possuem uma mucosa olfatória maior, com um número maior de receptores olfatórios, os quais se projetam para um bulbo olfatório de maior tamanho, de onde as informações alcançam outras áreas do sistema nervoso central, e, em todas essas regiões o número de células para o processamento das informações olfatórias é maior. (Micheletti, M. H., & de Melo, C. B. 2016)

“[...] Estima-se que o olfato do cão seja 100 vezes mais sensível do que o dos humanos” (Gordon et al. 2008).

“[...] o homem possui algo em torno de 5.000.000 (cinco milhões) de células olfativas em sua estrutura nasal, o cão é dotado de uma superestrutura de olfação, com 200.000.000 (duzentos milhões) ou mais de células olfativas. Além disso, o tecido onde se localizam essas células olfativas possui formato de pregas e seu comprimento, quando estirado, pode ser igual ou superior ao tamanho do animal.” (Wanderson N. de Siqueira, 2010)

“Os cães são detectores de odores confiáveis e eficientes, e numerosos estudos comprovaram a proficiência dos cães em localizar uma ampla gama de aromas.” (Micheletti, M. H., & de Melo, C. B. 2016)

“Cães treinados reduzem o tempo para a busca de um objeto alvo, além de serem mais sensíveis, confiáveis e práticos do que outros dispositivos de detecção.” (Micheletti, M. H., & de Melo, C. B. 2016)

“Os cães classificados como farejadores têm sido utilizados em todo o mundo em diversas missões como: localização de pessoas perdidas e soterradas; localização de entorpecentes e armamentos; detecção de explosivos e localização de vazamentos químicos.” (Wanderson N. de Siqueira, 2010)

Figura 3 - Cão demonstrando a quantidade de drogas encontrada por ele;



Fonte: Instagram

Quando as partículas físico-químicas se dissipam da matéria (mineral, vegetal, animal, produtos artificiais e etc), são aspiradas pelo cão, impressionam a estrutura nasal interna e em seguida são enviadas ao cérebro do animal. Assim como ocorre com o homem, essas informações são armazenadas e codificadas no cérebro. (Wanderson N. de Siqueira, 2010)

De acordo com Jones S e Kuhlmeier V (2020) existe a possibilidade dos cães farejarem itens ilícitos, perigosos ou até encontrar pessoas desaparecidas, mas antes, deve o cão inicialmente aprender quais odores são importantes para seu operador humano e como demonstrar ao seu parceiro o que ele está sentindo.

O emprego de cães treinados para farejar drogas é cada vez maior nas organizações policiais, sendo bem evidenciados em aeroportos e rodovias, locais onde diversas apreensões já foram realizadas em virtude do uso desses animais altamente treinados. (Vinícius Cesar Medeiros Oliveira; Dastayev Cyreneu Lopes da Silva Gomes, 2010)

“O modo como começou o emprego de cães policiais com o intento de seguir o faro, foi precisamente no dia 28 de junho de 1902, dia em que o farmacêutico Adolfo Goeschel fundou na Alemanha a Sociedade para promoção e Criação de Cães Policiais. Como acontece frequentemente, também aqui o acaso ajudou a encontrar novas tarefas para os cachorros. A princípio, utilizou Airadele-Terries, Boxers, Pastores Alemães, Schnauzer Gigantes etc., em suas experiências. Com o passar dos anos evidenciou-se

que os cães possuíam todas as qualidades exigidas para tal serviço”. (Gygas, 1987, p. 65)

A Organização Mundial de Saúde (OMS), define droga como “toda a substância que, pela sua natureza química, afeta a estrutura e funcionamento do organismo”.

De acordo com HELFERS (2005) sobre o cão farejador de entorpecentes ilícitos, algumas características pessoais do cão são desejáveis e devem ser observados, tais quais motivação, intensidade, discriminação de cheiros, socialização e ímpeto para a recuperação de objetos.

O cão de detecção sempre joga cabo de guerra e buscar com mordente impregnado com odor. Quando o cão abocanha e mantém o mordente impregnado com odor, permite o contato com o órgão de Jacobson no céu da boca por vários minutos, isto é forte estímulo para esse odor ficar retido na memória, já os exercícios com a caixa holandesa separará as indicações de odor que geram prêmio daquelas que não geram. (Andrade, 2015, p.136)

Segundo ANDRADE (2015) não há limite para a quantidade de odores que o cão possa ser adestrado, porém, os cães militares ao redor do mundo são preparados para dez tipos de odores.

A capacidade e a eficiência do cão farejador podem ser afetadas por diversos fatores internos e externos, como a motivação e o temperamento do animal, fatores ambientais como temperatura e umidade relativa do ar, tempo de trabalho e descanso, grau de treinamento e experiência. Além disso, como o cão não trabalha sozinho e sim com o seu condutor, muitos fatores como a experiência, o humor e o vínculo deste com o cão também podem afetar a eficiência do animal durante o trabalho. (Micheletti, M. H., & de Melo, C. B.2016, p. 04, tradução nossa)

Algumas raças de faro mais aguçado podem ser treinadas para diferenciar cheiros e seguir rastros mesmo em meio a centenas de outros aromas. Durante o treinamento, para familiarizar os cães com o cheiro de várias drogas, uma bolinha ou outro brinquedo é impregnado com os odores de uma mistura de diferentes substâncias. Para tanto, o brinquedo é deixado numa caixa recheada com vários entorpecentes, mas sem contato direto. Outra técnica é imergir o brinquedo numa mistura de substâncias e lavá-lo antes de ser usado pelo cão (mesmo assim, os odores continuam perceptíveis). Em ambos os casos, como não há contato do animal com os narcóticos, não existe risco de que fique viciado. (Cães e Cia, Brasil, 2014)

O cão farejador de drogas está sempre buscando um dos odores do seu brinquedo preferido. (Cães e Cia, Brasil, 2014)

3. METODOLOGIA

Envolverá visitas às instalações do BPCães, onde serão acompanhadas suas operações e as técnicas de treinamento específicas voltadas para a detecção de entorpecentes ilícitos, tanto ocultos quanto não ocultos. Além disso, a pesquisa incluirá uma análise detalhada dos dados estatísticos relacionados ao Policiamento com Cães, com foco na compreensão das características principais que tornam os cães uma ferramenta eficiente na busca e captura de drogas ilegais. Para aprofundar ainda mais o conhecimento sobre o tema, serão explorados artigos científicos e técnicos que abordam a atividade policial com cães. As pesquisas de campo serão realizadas junto aos Policiais Militares do BPCães que são especialistas em sua área de atuação. O objetivo é coletar informações necessárias que esclareçam o processo de treinamento e aprendizagem dos cães, deixando-os capazes de identificar de forma eficaz qualquer objeto ilícito oculto.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Batalhão de Policiamento com Cães (BPCÃES) da Polícia Militar do Estado de Goiás é composto por um efetivo de 42 policiais militares, no ano de 2023, sendo a tropa dividida entre 1(um) Tenente-Coronel, 2 (dois) Capitães, 4 (quatro) Primeiro-Tenente, 2 (dois) Primeiro-sargento, 4 (quatro) Segundo-Sargento, 7 (sete) Terceiro-Sargento, 11 (onze) Cabos e 11 (onze) Soldados.

Possui em seu plantel de cães, animais de diversas raças. O BPCÃES possui um total de 13 cães, divididos em 1(um) Labrador, 2 Pastores Holandeses e 10 Pastores Belga-Malinois. Do mesmo modo, Andrade (2019) elenca que as principais raças a serem utilizadas no trabalho policial e que vem se destacando positivamente foram: o pastor belga malinois, o labrador e o pastor alemão.

A metodologia de adestramento utilizada na Polícia Militar de Goiás é a doutrina colombiana e a doutrina americana, as quais consistem em cada uma formas diferentes de adestramento, mas visando sempre a efetividade da adestração para a operação policial com os cães utilizando-se do seu faro para combater diariamente a criminalidade e principalmente os entorpecentes ilícitos ocultos. Segundo Miranda (2011) os cães também são empregados na atividade de polícia, nas mais variadas frentes, por exemplo, faro de explosivo, faro de narcóticos, captura e policiamento em geral.

A doutrina colombiana consiste em empregar mecanismos que utilizam-se da autonomia do cão. Por exemplo, esse método faz uso de caixas, de forma prioritária, a caixa de faro, esta é um conjunto de até quatro caixas, onde três delas são móveis e uma permanece imóvel. O cão, ao se aproximar da caixa, é recompensado pelo seu comportamento. Se o cão marcar/demonstrar a caixa, ou seja, se ele se aproximar dela e indicá-la, ele será recompensado.

Já no método americano, molda o cão ao comportamento, ou seja, tem uma caixa de droga, eu levo o cão lá, coloco a cabeça dele no buraco da caixa, coloco a posição dele sentado, forço a posição dele na caixa e assim que ele estiver na posição, eu faço o pagamento. O cão vai entender que o comportamento que está sendo desejado pelo adestrador vai ter recompensa.

Nas palavras do 1º Tenente Fernando, ele define com exemplificações mais práticas e informais sobre os métodos de adestramento: “ O cão faz a marcação sentando ou deitando ou latindo, que chama-se de marcação ativa. Se o cão chega perto da caixa, no método colombiano, faz-se o seguinte, ele se aproxima da caixa, muito bem, pago ou joga uma ração,

da próxima vez que ele aproximar da caixa e não sentar, eu não pago, aí depois ele vai, na cabeça dele, entrar em uma crise, ele vai “pensar” assim: eu tenho que fazer alguma coisa pra ganhar, aí ele vai e trisca o quadril no chão, torna-se paga a recompensa, aí ele (o cão) começa a internalizar que não é só chegar perto, é chegar e triscar o quadril. Dessa maneira, da próxima vez ele vem, chega, aproxima da caixa, encosta o quadril e ainda não ganha a recompensa, qual que é a próxima coisa que eu preciso dele? Que ele coloque o focinho dentro do buraco, quando ele fizer isso irá ser pago a recompensa. Isso é o método colombiano, o cão se molda e se adapta ao que eu quero, no americano não. Chego e já faço, forço ele a chegar naquela posição e pronto. Pago a recompensa para ele ficar daquele jeito.”

Figura 4 - Cão em atividade de faro em caixa;



Fonte: Instagram do BPCães

Considera-se que todos esses métodos é que fazem com que os cães do BPCÃES da Polícia Militar de Goiás realizem um trabalho de eficiência frente aos entorpecentes ilícitos ocultos.

Sobre os riscos e benefícios, considera-se que o método americano efetiva-se de maneira mais rápida, pega-se um cão e força a conduta para gerar essa adaptação de forma mais breve, porém, esse ato de forçar o comportamento canino, se for um cão muito ativo, ele vai repudiar, e não vai aceitar de forma passiva, vai buscar quebrar o método de trabalho.

Caso seja um cão dócil, por exemplo, labrador retriever ou com golden retriever que são cães com características mais tranquilas, obedientes e que internalizam e realizam o comando rapidamente, o método americano é excelente, tornando-se um dos mais adequados.

Atualmente, trabalhar com o método colombiano, que consiste em deixar o cão resolver a situação de forma “independente” é utilizado frequentemente, dessa forma, o cão pode indicar e mudar o comportamento em qualquer situação.

Por exemplo, se está andando com o cão e irá passar próximo de um caminhão, durante a passagem lateral do caminhão, se fosse de acordo com o método americano, o condutor teria que chegar ali e moldar diretamente o comportamento do seu cão, como forma de adestrar por esse método.

Já no colombiano, não funciona dessa forma, o cão já muda o comportamento, mesmo que não tenha nada ilícito, caso perceba-se que o cão está mudando o comportamento, por si só, por interesse dele, está em aberto a possibilidade de investigar a fundo e com precisão aquele local e suas adjacências, o qual o cão através do método colombiano mudou o seu comportamento de forma repentina e espontânea.

Logo, o sistema de falhas é menor no método colombiano de adestramento, mas não há possibilidades de afirmar superioridade máxima de um método em relação ao outro. Então vai depender do adestrador e do cão que irá ser adestrado, levando em conta suas características comportamentais frente às ordens e comandos que cada cão possui e suas formas de treinamento.

Sobre o processo de formação dos cães desde o seu nascimento, o Soldado Rodrigues discorre que a formação do cão policial começa desde a estimulação precoce e da seleção do filhote que faz todo o treinamento. No BPCÃES da Polícia Militar de Goiás, os cães não são nascidos no batalhão, eles chegam maiores, na idade de trabalhar, o cão chega e é necessário ter que começar a trabalhar os estímulos dele, caça, presa, é um cachorro que ele tem que superar os desafios, tem que pular, subir e descer escadas, adentrar nos ambientes, enfrentar o medo dele, então começa a trabalhar prioritariamente essas características supracitadas, o modo como o trabalho é realizado evidencia que os condutores/cachorreiros estejam estimulando o cão nessa fase introdutória/inicial, simplesmente estimulando.

Figura 5 - Cão em ação de treinamento com bola;



Fonte: Instagram do BPCães

O ideal é que o cão comece a receber estimulação precoce nas primeiras 24 horas após o nascimento. A estimulação precoce tem o potencial de aumentar significativamente a possibilidade de o cão se tornar um cão de trabalho. À medida que o cão cresce, a chance de sucesso aumenta.

Durante o processo, realiza-se testes e exercícios para avaliar suas habilidades. Desde pouca idade, o cão deve ser estimulado e socializado. É importante acostumá-lo a diversos ambientes, como entrar em viaturas, embarcar, viajar em ônibus lotados e se adaptar a diferentes tipos de pisos. Posteriormente, concentra-se na parte do treinamento relacionada ao faro canino.

Figura 6 - Atividade estimulante com o mordedor;



Fonte: Instagram

Não se usa, logo de cara, buscar adaptar o faro do cão com drogas diretamente, o foco principal antes de tudo isso é a socialização, caça, por exemplo: colocar o cão para caçar a bolinha, jogar a bolinha, isso é um trabalho de caça, ele tá caçando ali, procurando a bolinha, procurando um mordente, buscando sempre estimular isso, tem que aumentar esse desejo do cão de querer trabalhar. Logo depois, quando o cão tá maior, já foi feito um trabalho de socialização.

Conforme explicado pelo Soldado Rodrigues (BPCÃES/PMGO) “A parte mais difícil é socializar esse cão, Fazer ele entrar em qualquer lugar, avançar em qualquer ambiente, fazer ele pisar em qualquer tipo de terreno diferente, independente das circunstâncias do terreno, fazer esse cão entrar em um ambiente onde tem galinha, cachorro, ou qualquer outro tipo de situação que foge da rotina do cão policial e não desconcentrar na busca, e ainda continuar o trabalho.”

A parte de socialização é a base do trabalho com o faro na formação do cão. Pode se dizer que a parte do trabalho com o faro em si é a parte legal para o cão, que é a brincadeira.

Nesta fase, inicia-se com o trabalho em forma de brincadeira realizando etapas mais associativas, é o momento em que o condutor começa a apresentar os odores para eles.

Então, é necessário tentar chegar o mais perto possível da realidade de operar. Na operação, na casa bagunçada, suja, casa de usuários de drogas, o usuário ou traficante não vai entregar a droga fácil, se acionou o canil, porque a droga não está no visual. Portanto, o cão do BPCÃES/PMGO tem que estar pronto para chegar lá e achar a droga enterrada ou oculta nos mais variáveis tipos de esconderijos e terrenos, por exemplo, a droga oculta no tanque de combustível, parede, fundo falso e cofres, dessa forma os cães devem ser treinados da melhor maneira possível e bem formados desde o seu nascimento tendo em vista as situações corriqueiras que irão enfrentar dia após dia junto ao seu condutor no patrulhamento e ocorrências diárias.

Conseqüentemente, no BPCÃES/PMGO, a formação do cão inicia-se devagar, lógico que o filhote, se pegar e frustrar ele, colocando-o logo de cara para fazer uma busca mais complexa, assim, totalmente difícil, provavelmente vai frustrar o cão, dessa maneira, ele (o cão) vai perder o prazer sobre aquela atividade. Então, começa devagar e além disso, o cão de faro sempre sai vitorioso nos treinamentos. Por mais difícil que gradativamente a atividade se torne, ele tem que sair vitorioso com a vontade de querer mais, no sentido de “amanhã eu quero mais, foi difícil, mas eu ganhei, eu venci.”

De acordo com o Soldado Rodrigues (BPCÃES/PMGO) que foi entrevistado, os cães de busca e captura diferem-se dos de faro devido à características que necessitam ser mais saltantes neles, por exemplo, o fato de serem mais agressivos, concentrados, com a finalidade de morder. “o cão de busca e captura tem que ter agressividade. Se for para capturar mesmo, ele tem que ter agressividade. Então, tem que trabalhar essa parte de mordida. Porque o que motiva o cão de busca e captura é ele buscar para atacar no final, eles fazem aquilo naturalmente eles nascem para fazer aquilo, é natural dele, você não tem que forçar nada, a motivação final é o que faz ele buscar, o que faz a motivação final é atacar e morder, a parte de morder a gente trabalha separado, tem que ser um cão concentrado, não pode ser um cão que tem estresse fácil, tem que ser resistente e um físico muito bom”

Cada cão tem uma maneira de trabalhar diferente, uma peculiaridade diferente, uma personalidade diferente, uma característica. Cada um tem uma maneira de lidar com a situação de estresse, ansiedade, com as aflições do dia a dia.

De acordo com o Soldado Rodrigues: “ O chagal, por ele ser um cão que eu formei, eu trabalhei com ele muito tempo, eu conheço como a palma da minha mão. Eu sei como é que é a mudança de comportamento dele, eu sei que ele é um cão de duplo emprego, ou seja, ele faz busca e captura e faz detecção de entorpecente. Então eu percebo quando ele tá numa mudança de comportamento quando está próximo de um ilícito, está no cone de odor, mas ainda não conseguindo definir, ele sabe que a droga está no local e ele começa a detalhar a busca, eu já noto pela mudança de comportamento infere-se um alerta de que a droga está nas proximidades, só falta definir agora onde é que tá indo o odor, porque a gente teve uma definição.

O cachorro ao adentrar no ambiente que já tem a droga, ele já está anos-luz à nossa frente, o faro dele já pegou, então ele já começa a fazer a mudança de comportamento.” Essa afirmação final é evidenciada no momento em que, de acordo com Siqueira (2010) o ser humano possui algo em torno de cinco milhões de células olfativas em sua composição nasal, já o cão possui uma estrutura olfativa de duzentos milhões ou mais de células olfativas. Ademais, o tecido onde se encontram essas células olfativas possui formato de pregas e seu tamanho, quando estirado, pode ser igual ou superior ao tamanho do animal.

Sobre essa mudança de comportamento pode dar-se de formas variadas, por exemplo, às vezes mudar a cauda, o posicionamento da orelha e a forma que ele se comporta no ambiente para tentar rastrear o cone de odor, mas você deve ter uma leitura de cada cão, se ele não tá dando falso alerta, se ele não tá “roubando” ou só brincando, deve avaliar com precisão se o cão está realmente trabalhando, porque ele é um ser vivo e tem ações e reações próximas das realizadas por seres humanos racionais, ele pode sair hoje e ir para uma ocorrência e não querer nada com nada.

Por isso é tão necessário que o cachorreiro e seu cão treinem juntos e conheçam cada vez mais os detalhes uns dos outros, em uma ocorrência essa afinidade pode salvar o atendimento e gerar uma prisão consistente e conseqüentemente cuidando da população com essas prisões, muitas vezes o cachorro vai demonstrar somente com sinais, se o condutor o conhecer, já é um ponto a mais para a equipe, agora caso contrário a chance é que a patrulha perca uma boa ocorrência devido a falta de intimidade, treinamento e conhecimento em comum do cachorreiro e seu cão.

Figuras 7 - Cão farejando o odor de entorpecentes;



Figura 8 - Cão em atitude de escavação no local encontrado do odor;



Figura 9 - Policiais escavando o local demarcado pelo cão;



Figura 10 - Retirada de entorpecentes com sucesso do local demarcado pelo cão



Fonte: Tenente Fernando/BPCães

É explícito que quanto maior for o treinamento e conhecimento do condutor com seu cão, qualquer mínimo indício que seja, através do comportamento do cão, o condutor cachorroiro já sabe o que pode estar próximo de ocorrer na situação de patrulhamento e buscas na rua, principalmente no quesito faro e localização de droga.

De acordo com os dados obtidos juntamente ao BPCÃES, a efetividade do serviço torna-se cada vez mais gritante, tornando-se uma especializada imprescindível na manutenção da ordem pública, principalmente quando o assunto é entorpecentes ilícitos, o trabalho do faro canino traz resultados satisfatórios a cada mês que passa, com um saldo de retirada das ruas no ano de 2023, do mês de janeiro a setembro, cerca de 1.028,370 kg de entorpecentes ilícitos, sem levar em conta a quantidade de foragidos recapturados, buscas e armas que o policiamento com cães retirou e retira dia após dia, tendo logrado êxito na localização de 108 drogas através do faro canino, reencontrou 56 foragidos da justiça e por fim, obtiveram sucesso em 4 operações de busca e captura. Diante de todas as drogas expostas pela captura através do faro canino conjuntamente com o patrulhamento do BPCÃES, nota-se uma imensa e variável quantidade de todos os tipos de ilícitos, prevalecendo, entretanto, em maior quantidade a maconha.

PRODUTIVIDADE - BPCÃES/CME - Jan a Set 2023										
	JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	TOTAL
Armas			1	2	1	1		1	1	7
Drogas Totais (em gramas)	764,494	1144,829	5314,082	200086	66799,231	7000	650	1199,238	745413	Total de Drogas localizada pelos Cães 1.028,370 Kg
Maconha	527,233	109,73	4806,457	200000	1596,101		600	453,238	745400	
Crack	223,2		505	86	40,73		50	600		
Cocaina	14,061	1.035,10	1,5		162,4			146	13	
Cloridrato de Cocaina					65000					
Haxixe			1,125			7000				
Foragidos	2	4	9	9	6	3	3	6	14	56
Busca e Captura			1		1	1	1			4
Faro	10	9	10	11	16	7	18	13	14	108

Fonte: SSP/CME (2023).

Através dos dados obtidos junto ao CME e SSP/GO nota-se que o trabalho realizado entre o cão policial alinhado com seu processo de adestramento feito de forma qualitativa e um treinamento de faro aguçado com o emprego de diversas opções técnicas a serem utilizadas, conforme já exposto, resulta em apreensões grandiosas para a sociedade e demonstra-se que o faro canino é uma arma de grande potencial no combate à diversas modalidades criminosas e o mais importante é a taxa de assertividade do faro, principalmente no momento em que está entrosado com seu condutor, conforme ressalta, Jones S e Kuhlmeier V (2020), quando diz que é viável que os cães possam detectar substâncias proibidas, perigosas ou até localizar indivíduos desaparecidos. Mas, antes de realizar essa tarefa, o cão deve, primeiramente, aprender a reconhecer quais odores são relevantes para seu condutor e a demonstrar o que está sentindo para o seu parceiro.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O seguinte trabalho aborda a eficácia e os métodos de localização de entorpecentes ocultos pelo BPCÃES, unidade especializada da Polícia Militar do Estado de Goiás, com o foco voltado para compreender o processo de treinamento dos cães de faro e como é utilizado no dia-a-dia policial. Através deste trabalho é possível notar a excepcional capacidade do faro canino na localização de entorpecentes ocultos, tendo em evidência a precisão não só do faro canino isoladamente para localizar drogas mas a coparticipação eficiente aliado com o policial condutor.

Os resultados obtidos demonstram de forma expressa a utilidade e eficiência canina nas forças de segurança, realizando um trabalho extremamente apurado na localização de drogas, muitas vezes dissimuladas ou em situações de extremo desafio, o qual para um ser humano seria de extrema dificuldade. Quando combina-se o faro canino e os métodos de treinamento especializado, resulta-se em uma das atividades mais efetivas e cruciais do serviço público policial, alcançando patamares que só o cão consegue, trazendo para a segurança pública do Estado de Goiás a capacidade de localizar drogas em qualquer tipo de terreno, sendo primordial no combate ao tráfico.

A confiança mútua e recíproca entre cão e o seu condutor operador é um dos fatores que contribuem para o caminhar do BPCÃES para ser uma das melhores e mais eficientes unidades da Polícia Militar do Estado de Goiás, com uma taxa de erro bem baixa, isso é possível notar em artigos científicos que expressam a quantidade de receptores olfativos dos cães, gerando uma taxa mínima de erro, no momento em que o condutor possui uma relação de confiança e conhecimento do seu cão, qualquer mudança de comportamento, mínima que seja, é motivo de desconfiança e buscar averiguar a situação, coisas que não ocorreria se um condutor não tivesse intimidade com o seu cão.

A busca primordial através do trabalho acima foi entender como é realizado os métodos de detecção de drogas com os cães, principalmente quando se trata de objetos ocultos, entender como é a formação inicial até a fase final, nota-se que é um trabalho realizado desde os primeiros dias de vida, por isso a importância de um treinamento bem feito, pois levará por toda a vida policial do cão.

Resumindo, os resultados apresentados reforçam não só a eficácia canina no embate à criminalidade e ao tráfico de drogas com os seus métodos de treinamento, mas também ressaltam a importância de continuar investindo nos treinamentos especializados de detecção de drogas ocultas, e na unidade do BPCÃES como um todo, pois realizam trabalhos

essenciais de diversas frentes que auxiliam a população. Que o devido estudo sirva como norte para futuras pesquisas e para embasar investimentos e aprimoramentos aos treinamentos especializados na unidade, o qual por meio dessa pesquisa científica demonstrou a devida capacidade, utilidade e efetividade dos métodos de treinamentos de detecção de ilícitos ocultos no combate à criminalidade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. L. Seleção, adestramento e emprego do cão de guerra de dupla aptidão. Rio de Janeiro: Câmara Brasileira de Jovens Escritores, 2015. 301 p.

CÃES e cia. Treinador de cães de faro de drogas, 2014.

de Lima Dantas, G. F., Müller, R., & Paula Araújo, M. (2022). CONSIDERAÇÕES BÁSICAS SOBRE A UTILIZAÇÃO DE CÃES DE FARO. Revista Do Instituto Brasileiro De Segurança Pública (RIBSP) - ISSN 2595-2153, 5(11), 160–187.

FOGLE, Bruce. Cães. Brasil, 2009

GOMES, DastaeV Cyreneu Lopes da Silva; OLIVEIRA, Vinícius Cesar Medeiros. O Uso de Cães de Faro de Drogas em Operações de Barreira Policial. 2010.

GRANDJEAN, Dominique et al. Enciclopédia do cão. Paris: Aniwa, 2001. 4v

HELPERS, Fred. Regras e Diretrizes de Certificação para Cães Farejadores de Narcóticos. Polícia do Noroeste do Pacífico, 2005

MIRANDA, Juliano José Trant de. O emprego do cão de polícia e o uso seletivo da força. Belo Horizonte (MG), 2011.

RIANI, Marsuel Botelho. Uso Diferenciado da Força e Emprego de Cães Policiais como Técnica Não-Letal. 2011.

SAKATA, Marcus Vinícius Akira. O emprego do cão farejador no cumprimento de mandados de busca e apreensão pela polícia militar do estado de Mato Grosso. Homens do Mato-Revista Científica de Pesquisa em Segurança Pública, v. 14, n. 1, 2015.

WANG, Guo-Dong et al. Out of southern East Asia: the natural history of domestic dogs across the world. Cell research, v. 26, n. 1, p. 21-33, 2016.